

SLEIMAN, MICHEL. *A ARTE DO ZAJAL: ESTUDO DE POÉTICA ÁRABE*.
COTIA: ATELIÊ, 2006. 236 P.*

Prof. Paulo Roberto Sodré
Pós-Doutor em Literatura Portuguesa/Universidade Estadual de Campinas
Universidade Federal do Espírito Santo

Ilude-se quem deduz que um livro como este de Michel Sleiman restringe seu campo de interferência ao círculo de arabistas e, mais especificamente, de *quzmanianos*. Ainda que certos saberes tendam a se especializar imensamente, reduzindo interlocutores, selecionando leitores e dificultando o acesso aos interessados, o estudo de poética árabe produzida na diversificada Península Ibérica do século XII, onde e quando conviviam judeus, mouros e cristãos, aponta para uma história da sensibilidade poética que esclarece tendências, gostos e soluções artísticas que permearam, ao menos, a cultura hispânica.

Sabe-se das polêmicas, que envolveram filólogos do final do século XIX e da primeira metade do século XX, a respeito da convivência, da influência e da preeminência de certas culturas sobre as outras no cadinho étnico-religioso-cultural peninsular. Rodrigues Lapa, em suas *Lições de Literatura Portuguesa: época medieval*, cartografa, no capítulo sobre as origens do Trovadorismo, as disputas *eurocênicas* pela origem desse movimento literário intenso, documentado aquém e além das fronteiras cristãs.

Uma olhada na bibliografia, de que Michel Sleiman se serve para desenvolver seu estudo, revela como as polêmicas ganharam entusiasmo e propiciaram investigações, sobretudo, na década de 90, quando o próprio autor preparava sua tradução de Ibn Quzman, o que redundou na publicação de *A poesia árabe-andaluza: Ibn Quzman de Córdoba* (São Paulo: Perspectiva, 2000).

* Resenha originalmente publicada em *Tiraz: Revista de Estudos Árabes e das Culturas do Oriente Médio*, São Paulo, a. V, n. 5, p. 195-198, 2008.

Nesse livro, Sleiman levanta cuidadosamente as traduções dos zejéis de Quzman, conseguidas especialmente por Emilio García Gomez (1972, em que se valoriza o aspecto métrico de sua poesia) e Federico Corriente (1984, em que se realça o aspecto semântico) e propõe uma terceira e quarta via para a apreensão do *Cancioneiro* do zejelista de Córdoba: a tradução dos zejéis a partir da consideração da rima e da paronomásia, ainda por explorar.

Assim, Michel Sleiman se propõe a traduzir três zejéis, considerando aquelas traduções e almejando “localizar as quatro vias e dispô-las numa única direção”. Para realizar tal intento, imerge na história da cultura e da poesia árabe para, ambientado no tempo de Ibn Quzman, realçar em sua poesia o estranhamento que havia conseguido ao produzir poemas em dialeto andalusino, popular, a que misturaria vocabulário romance, diferenciando-se da produção clássica da *qaṣīdah* (cacida) e do *muwaššah* (muacha), gêneros de prestígio realizados em árabe castiço.

A tradução conseguida moveu Haroldo de Campos à publicação do livro na Coleção Signos, conhecida pela edição de poesia “intraduzível” em *recriações* para o português. Essa experiência em estudar a poética andalusina, para fundamentar sua transcrição de zejéis quzmanianos, foi a base a partir da qual Sleiman assentou sua pesquisa sobre poética árabe clássica, cujo resultado se publica no novo livro, *A arte do zajal: estudo de poética árabe*.

Estudo apresentado inicialmente em forma de Tese de Doutorado, *A arte do zajal* dispõe de três capítulos, da tradução de seis de zejéis, de oito quadros que sintetizam informações sobre a estrutura do cancionero quzmaniano e do glossário de termos árabes transliterados. Esse é o escopo do livro.

A trajetória dos gêneros poéticos árabes do período clássico, que tem na *qaṣīdah* de longa extensão sua principal manifestação, é o pano de fundo do Capítulo I, cujo ponto principal é focar essa forma poética e as razões de seu prestígio junto aos poetas, durante o Califado Abássida. Oriunda de modelos pré-islâmicos e de caráter cortesão, a *qaṣīdah* é marcada pela reunião de dois temas, o amoroso e o laudatório, em poema com extensão de vinte a oitenta versos de dois hemistíquios. Considerando os dados histórico-culturais, em especial as leis poéticas do classicismo árabe, criadas na escola

de Bagdá dos séculos IX e X, o autor observa os aspectos formais a partir dos quais um gênero se originará mais tarde, o *zajal*.

Reconhecidos o ambiente clássico árabe e seus gêneros de prestígio e percebido o percurso dessas formas e sua entrada no Alandalus nos séculos XI e XII, Sleiman parte para o Capítulo II, procurando identificar o *zajal* como um gênero delas derivado. Forma que reúne elementos da *qaṣīdah* e do *muwaššah*, respectivamente, o politematismo daquela e a inserção do dialeto árabe-andalusino desta, o *zejel* ganhou prestígio com Ibn Quzman de Córdoba. Sua inovação foi elevar o registro baixo da língua árabe, ao tratar de temas cortesãos, típicos da *qaṣīdah*. Além disso,

o *zajal* toma o contrafluxo do caminho seguido pelo *muwaššah*: o verso estrófico rejunta os segmentos, o esquema rímico reduz a ramificação, o metro truncado reencontra algumas das preferências mais remotas na poesia árabe, os temas se subordinam ao propósito elogioso, preferivelmente nos modos do texto longo, mais dado à pormenorização. Em suma, o panegírico longo e dialetal conduz o verso estrófico ao patamar da grande arte, a poesia cortesã; a partir dessa posição, o *zajal* vê confluírem para si todas as tendências herdadas de longa data (p. 64).

O Capítulo III pretende desvelar as estratégias discursivas e a estrutura do *zajal*, tendo em vista o histórico dos gêneros árabes clássicos e os pressupostos poéticos que o próprio Quzman afiança em sua “Introdução do *Dīwā Ibn-Quzmān Alqurṭubī*”, mescla de história do *zejel*, depoimento e tratado poético. Nesse Capítulo, percebe-se o afã estruturalista de Michel Sleiman em cercar seu objeto, os *zejéis*, pelo maior número possível de ângulos, desde a tipologia textual de que é herdeiro – além da *qaṣīdah* e da *muwaššah*, a epístola, a prosa narrativa – até as referências à transição (“posição específica dentro do poema [...] e princípio organizativo da composição”, em que o poeta transita do tema da primeira seção [amoroso ou báquico] para o da segunda [elogioso]), ao tempo, ao espaço, ao sujeito, ao significado (“articulação dos diferentes propósitos” [ou seções temáticas] do poema) e ao som (“não é só materialidade [forma], mas adequação à sintaxe e à semantização que ela gera”) do *zejel*. Detalhes desse teor serão expostos, ainda, nos Quadros dos sujeitos (p. 207 *et seq.*) e destinatários (p. 216) da estatística de ocorrências de versos estróficos (p. 213) e temas (p. 215) e metros (p. 218) do cancionário quzmaniano, sem descuidar de quadros com informações mais

gerais a respeito do cotejo, sirva-se de exemplo, da ocorrência do panegírico na *qaṣīdah* e no *zajal* (p. 214).

Como em seu primeiro livro, mas avançando-o em muitos aspectos, nomeadamente o de teor formalista, a menina dos olhos de *A arte do zajal: estudo de poética árabe* é justamente a tradução de seis zejeis de Ibn Quzman, em edição bilíngüe (árabe e português), antecedida da “Introdução” do zejelista.

O trabalho tradutório e sua metodologia são mapeados no Capítulo III, subjacentemente, e nas notas que acompanham os seis poemas. Entretanto, é a “Introdução” do próprio Quzman que acaba por abalizar as soluções transcriativas de Sleiman. Com esses três suportes em mãos, o autor opera sua tradução com o cuidado de um poeta que compreende (e intui) bem – dada a investigação sobre o ambiente, a arte poética, as expectativas de produção e recepção da poesia árabe no século XII peninsular – o que o *‘adīb* de Córdoba pretendia com o *zajal*. Uma grata contribuição para os leitores de Língua Portuguesa.

Não resta dúvida de que estudos (e traduções) como o de Sleiman contribuem imensamente não somente para compreensão dos pressupostos poéticos da produção zejelista de Ibn Quzman da bela Córdoba, mas também para as pesquisas voltadas para os fecundos séculos XII e XIII, quando medravam – com requinte de intertextualidade e riqueza de interculturalidade (passe o neologismo) – as cantigas trovadorescas européias.

Vale lembrar, num parêntese, o valor do zejel, por exemplo, na produção das *Cantigas de Santa Maria*, de Alfonso X: das quatrocentas e vinte cantigas, trezentas e oitenta são elaboradas em forma zejelesca. E ainda no século XIII, Jacopone da Todi fê-la vazar, no *Laudario*, em cinqüenta e duas laudes (das suas cento e duas composições). Para além dos trovadores, Arcipreste de Hita (séc. XIV), Afonso Álvares Villasandino (séc. XV) e Gil Vicente (séc. XVI), como registra Segismundo Spina.

A arte do zajal: estudo de poética árabe se volta para a identificação mais consistente de um gênero, comentado já pelo zejelista de Córdoba, assim como por seus sucessores, em função do qual outros gêneros e sua estrutura emergem, configurando-se assim um

estudo genológico-poético de alcance maior. O *zajal* é descrito, portanto, a partir do trabalho exaustivo de tradução que Sleiman propõe, o que torna seu trabalho duplamente benéfico: pelo estudo de poética árabe, do século IX ao XII, e pela tradução de textos de Ibn Quzman.

Causará estranheza, talvez, a terminologia detalhadamente técnica (e bilíngüe, muitas vezes) do livro, nestes tempos de crítica pouco sensível à perspectiva teórico-estruturalista. Em que pese ao leitor – interessado em poética andalusina e em produção cultural hispânica medieval – certa aridez a desvelar a ossatura de poemas sutis, Michel Sleiman procura lhe dar os dados necessários para a compreensão do que era para os árabes a “casa da poesia” – a metáfora de que eles se servem para designar o verso – e suas leis.

Dois grandes nomes da crítica contemporânea, Haroldo de Campos, na área de tradução, e Federico Corriente, na área de quzmanologia, deram seu aval aos estudos sensíveis, criativos e competentes de Michel Sleiman. Não vá o leitor ignorá-los.